

DF - clima

## MEIO AMBIENTE

Os brasilienses sofreram ontem com o calor recorde de 32,6° e a menor taxa de umidade do ano, de 13%. No Gama Leste, a força de um redemoinho espalhou o medo, destelhou casas e matou animais

# Em clima de seca e turbilhão

MARCELA DUARTE

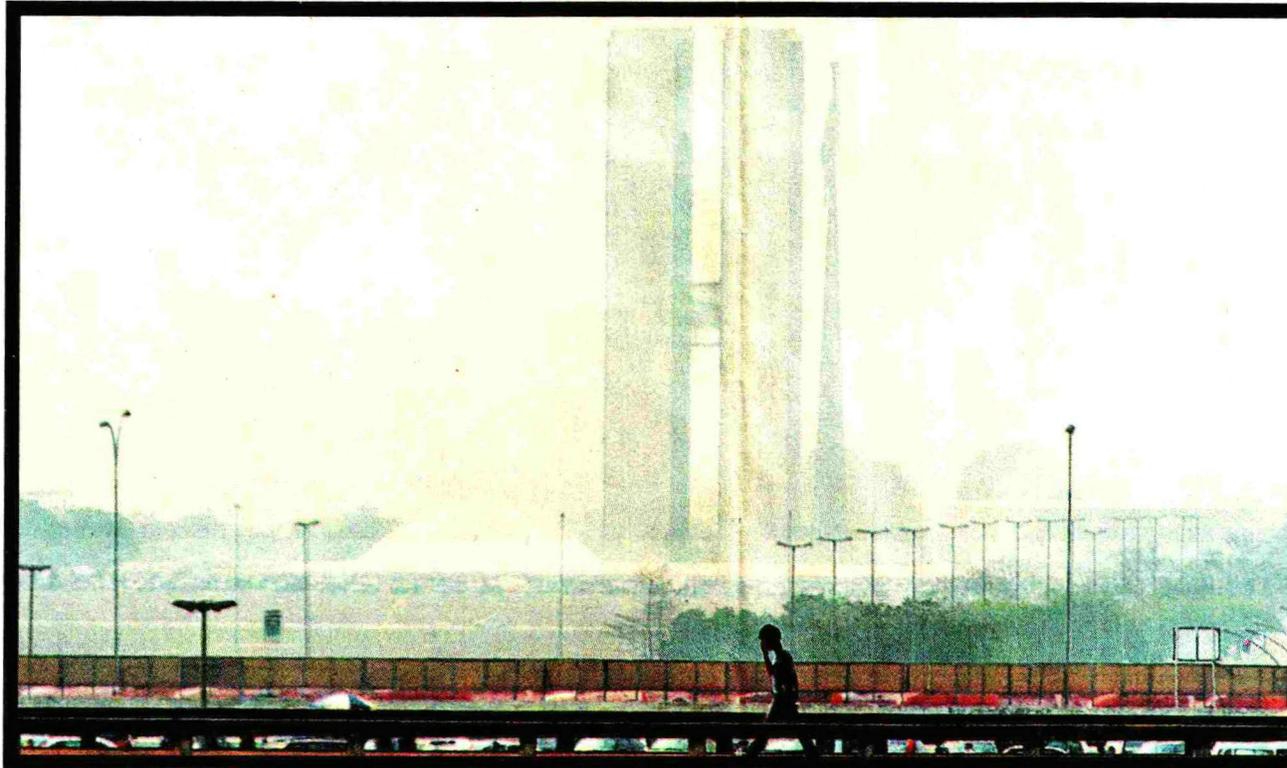
DA EQUIPE DO CORREIO

**S**e não bastasse o menor índice de umidade relativa do ar do ano, os brasilienses sofreram ontem com o dia mais quente. O termômetro chegou a 32,6° C, às 15h, e a umidade relativa do ar a 13%, por volta das 13h. Foi o menor índice nos últimos cinco anos. A Defesa Civil enviou um comunicado às escolas na sexta-feira, para que suspendam as atividades físicas ao ar livre, e alerta sobre cuidados com a saúde. Segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), chuvas, só na segunda quinzena de setembro.

Corpo pesado, boca seca, indisposição. Ontem, muita gente reclamou dos sintomas. Quem esteve ao ar livre sentiu mais. No Setor Comercial Sul, um dos pontos mais movimentados da cidade, ao lado do termômetro que mostrava os 32°C era possível ver as pessoas caminhado com garrafinhas de água na mão. O Parque da Cidade ficou vazio. Movimentação de atletas, só depois das 16h. O músico Fernando Campos, 27 anos, procurou uma ducha no parque para se refrescar. "Achei mesmo o clima mais pesado hoje", contou.

No Hospital Regional da Asa Sul (Hras), o morador de Valparaíso Genilton de Oliveira Rodrigues, 34 anos, aguardava a filha Fernanda Alves Rodrigues, 5 anos, que sentia dores no peito e dificuldade para respirar e era submetida a nebulização. "Ela sempre fica ruim nesta época. Trouxe achando que era mais uma crise e

Iano Andrade/CB



A CAPITAL FEDERAL AMANHECEU SOB NÉVOA SECA, AGRAVADA PELO INCÊNDIO QUE CONSUMIU O PARQUE NACIONAL. CRIANÇAS COMO FERNANDA SOFRERAM COM DOR NO PEITO E DIFICULDADE DE RESPIRAR

acabamos descobrindo que ela tem asma", afirmou o pai.

De acordo com a pediatra e coordenadora de Atenção à Saúde do Hras, Eunice de Oliveira, embora a umidade tenha baixado muito nos últimos dias, ainda não foi possível observar um aumento significativo no atendimento por problemas respiratórios. Ela alerta para a prevenção. "Crianças e idosos são os que mais sofrem. Alimentação adequada, roupas leves, ingestão de muito líquido é a recomendação", ressalta.

No Colégio Marista João Paulo

II, na Asa Norte, um umidificador instalado em 2005 ajudou a garantir a suportar o calor e a seca. "Além de vento tem água. Isso é uma diferença muito grande", conta a aluna do 6º ano Andressa Castro Coutinho, 10 anos. Os alunos foram orientados a levar garrafas de água para a sala. "Também estamos priorizando as aulas de educação física na piscina", explicou o coordenador do ensino médio, Gilson Melo.

### Crescimento urbano

De acordo com a professora do Laboratório de Climatologia da

Universidade de Brasília (UnB) Juliana Ramalho, o crescimento urbano tem contribuído para piorar o efeito da seca. Ela cita fatores como o número crescente de carros nas ruas, grandes áreas em construção e desmatamento. "Com grandes áreas de construção, aumentam a poeira, a poluição dos carros. Não é que a temperatura esteja mais alta e que a umidade menor a cada dia, mas a sensação é diferente quando não se tem a mesma quantidade de vegetação", compara. Com o aumento do número de incêndios é maior a quantidade de fumaça

possível observar, geralmente pela manhã, como se uma névoa encobrisse o horizonte. É outra característica da estação aqui no DF", explica Juliana.

O meteorologista Manuel Rangel explica que previsão de chuva, só para setembro: "Não é que não caia uma gota de água até lá. Mas a chuva que vai melhorar significativamente a umidade só deve chegar depois de 15 de setembro. Também não dá para afirmar que a umidade abaixe mais do que isso", afirma. Hoje, a temperatura deve variar entre 19°C e 31°C e a umidade relativa do ar, entre 60% e 20%.

Já são 90 dias sem chuva. Em 1963, o DF teve 164 dias de estiagem.

A Defesa Civil recomenda que as atividades físicas sejam interrompidas entre as 10h e as 16h. Usar roupas leves, ingerir líquido com frequência, de preferência água, e cuidar da alimentação também são cuidados indispensáveis. Na escola, os professores devem ficar atentos ao rendimento das crianças. "Estamos de olho nos índices. Se baixar mais, e chegar a 8%, a orientação da Organização Mundial de Saúde é suspender as aulas", ressalta o coronel Luiz Ribeiro, da Defesa Civil.

Paulo H. Carvalho/CB

